


VLADIMIR ILITCH

# LENINE



## Três Crises (Julho 1917)

ORGANIZAÇÃO REGIONAL DE LISBOA DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS 

# Três Crises

**Vladimir Ilitch Lénine**  
**1917**

Escrito a 7 (20) Julho de 1917  
Publicado a 19 de Julho de 1917  
no nº7 da revista Rabótnitsa

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine  
Edição em Português da Editorial Avante, 1977, t2, pp 120-123  
Traduzido das O. Completas de V.I.Lénine 5ª Ed. russo t.32 pp 428-432

Quanto mais encarniçadamente caluniam e mentem contra os bolcheviques nestes dias, tanto mais serenamente devemos, refutando as mentiras e as calúnias, reflectir nas ligações históricas dos acontecimentos e na significação política, **isto é, de classe**, do curso actual da revolução.

Para refutar as mentiras e as calúnias devemos aqui repetir apenas a referência ao *Listok «Právdi»*<sup>1</sup> de 6 de Julho e dirigir de modo especial a atenção dos leitores para o artigo que publicamos mais abaixo, que prova documentalmente que em 2 de Julho (segundo confissão do jornal do partido dos socialistas-revolucionários) os bolcheviques fizeram campanha **contra** a manifestação, que em 3 de Julho a indignação das massas extravasou e a manifestação começou contra os nossos conselhos, que em 4 de Julho apelámos num panfleto (reproduzido pelo mesmo jornal dos socialistas-revolucionários, *Delo Naroda*<sup>2</sup>) para uma manifestação **pacífica e organizada**, que na noite de 4 de Julho tomámos a decisão de suspender a manifestação. Caluniaí, caluniadores! Nunca refutareis estes factos nem o seu significado decisivo em todas as suas ligações!

E com isso passamos à questão das ligações históricas dos acontecimentos. Quando, já no começo de Abril, nos declarámos contra o apoio ao Governo Provisório, fomos atacados tanto pelos socialistas-revolucionários como pelos mencheviques. E que demonstrou a vida?

Que demonstraram as três crises políticas: 20 e 21 de Abril<sup>3</sup>, 10 e 18 de Junho, 3 e 4 de Julho<sup>4</sup>?

Demonstraram, em primeiro lugar, o crescente descontentamento das massas com a política burguesa da maioria burguesa do Governo Provisório.

Não deixa de ser interessante observar que no número de 6 de Julho o jornal do partido governante dos socialistas-revolucionários, *Delo Naroda*, apesar de toda a sua hostilidade contra os bolcheviques, é

<sup>1</sup>Listok «Právdi» (Folha do «Pravda»): um dos nomes do diário bolchevique Pravda.

<sup>2</sup> Delo Naroda (A Causa do Povo): diário, órgão do Partido Socialista-Revolucionário; editou-se em Petrogrado de Março de 1917 a Julho de 1918.

<sup>3</sup> V. I. Lénine refere-se aos factos seguintes. No dia 20 de Abril (3 de Maio) os jornais publicaram uma nota do ministro dos Negócios Estrangeiros, Miliukov, dirigida aos governos dos países aliados, em que o Governo Provisório confirmava a sua decisão de respeitar todos os tratados concluídos pelo governo do tsar e de continuar a guerra até à vitória. A política imperialista do governo provisório provocou uma grande indignação nas massas trabalhadoras. Em 21 de Abril (4 de Maio) os operários de Petrogrado, respondendo ao apelo do Partido Bolchevique, abandonaram o trabalho e saíram para a rua numa manifestação exigindo a paz. Na manifestação participaram mais de 100.000 operários e soldados. Também em Moscovo, em Cronstadt, nos Urais, na Ucrânia, etc., se realizaram manifestações e comícios de protesto. Ao Soviete de Petrogrado foram dirigidas, procedentes de Sovietes de muitas cidades, resoluções protestando contra a nota de Miliukov. A Manifestação de Abril deu início à crise do Governo. Face às Manifestações, o Governo Provisório, para criar a impressão de uma viragem de política resolver demitir P. N. Miliukov e A. I. Gutchov dos seus cargos de ministro dos Negócios Estrangeiros e de ministro da Guerra respectivamente, e apresentou ao Soviete de Petrogrado uma proposta solicitando o seu consentimento para a formação de um governo de coligação. O Comité Executivo, apesar da sua decisão de 1 (14) de Março sobre a não participação de representantes do Soviete no Governo Provisório, resolveu, na reunião extraordinária da noite do dia 1 (14) de Maio, aceitar a proposta do Governo provisório. Depois das negociações chegou-se, no dia 5 (18) de Maio, a um acordo sobre a partilha das pastas ministerais no novo governo, em que, além dos 10 ministros capitalistas entraram também dirigentes dos partidos conciliadores: A. F. Kérenski, ministro da Guerra e da Marinha, M. I. Skóbelev, ministro do Trabalho, V. M. Tchernov, ministro da Agricultura, A. V. Pechekónov, ministro dos Abastecimentos, I. G. Tseretéli, ministro dos Correios e Telégrafos.

<sup>4</sup> Trata-se da manifestação organizada pelo Partido Bolchevique e que teve lugar no dia 18 de Junho (1 de Julho) de 1917. Na manifestação do dia 18 de Junho participaram cerca de 500 000 operários e soldados de Petrogrado. A maioria esmagadora dos manifestantes desfilou com as palavras de ordem revolucionárias do Partido Bolchevique. Só pequenos grupos levavam as palavras de ordem dos partidos conciliadores exprimindo confiança no governo provisório. A manifestação evidenciou o crescente espírito revolucionário das massas e a influência e prestígio do Partido Bolchevique. Ao mesmo tempo, ela mostrou o completo fracasso dos partidos conciliadores pequeno-burgueses que apoiavam o Governo Provisório. No dia 2 (15) de Julho de 1917 os ministros democratas-constitucionalistas Chingariov, Manuílov e Chakhovskói saíram do Governo Provisório, a pretexto de não concordarem com a posição do governo quanto à questão ucraniana.

obrigado a reconhecer as profundas causas económicas e políticas do movimento de 3 e 4 de Julho. A néscia, grosseira e vil mentira de que esse movimento foi provocado artificialmente, de que os bolcheviques fizeram campanha a favor da manifestação, será cada dia mais e mais desmascarada.

A causa geral, a fonte geral, a raiz profunda geral das três crises políticas mencionadas é clara, sobretudo para quem as examine nas suas ligações, como a ciência manda que se examine a política. É absurdo pensar que três crises deste género tenham podido ser provocadas artificialmente.

Em segundo lugar, é instrutivo examinar o que houve de geral e o que houve de individual em cada uma destas crises.

O que é geral é o transbordar do descontentamento das massas, a sua indignação contra a burguesia e o **seu** governo. Quem esquecer, silenciar ou subestimar **esta essência das coisas**, renega as verdades elementares do socialismo referentes à luta de classes.

A luta de classes na revolução russa - que meditem sobre isto aqueles que se chamam a si mesmos socialistas e que sabem alguma coisa sobre o que foi a luta de classes nas revoluções europeias.

O que é individual nestas crises é a sua forma de manifestar-se: na primeira (20-21 de Abril) é tempestuosa e espontânea, sem nenhuma organização, que levou ao tiroteio dos cem-negros contra os manifestantes e a acusações inauditamente selvagens e mentirosas contra os bolcheviques. À explosão seguiu-se uma crise política.

No segundo caso, a organização de uma manifestação pelos bolcheviques, a sua suspensão depois do ameaçador ultimato e da proibição directa do Congresso dos Sovietes e a manifestação geral do 18 de Junho, que deu clara preponderância às palavras de ordem bolcheviques. Segundo confissão dos próprios socialistas-revolucionários e mencheviques na noite de 18 de Junho, a crise política teria decerto estalado se a ofensiva desencadeada na frente não a tivesse contido.

A terceira crise desencadeia-se espontaneamente em 3 de Julho, apesar dos esforços feitos no dia 2 pelos bolcheviques para a impedir, e depois de atingir o ponto máximo no dia 4, conduz nos dias 5 e 6 ao apogeu da contra-revolução. As vacilações dos socialistas-revolucionários e mencheviques manifestam-se em que Spiridónova e uma série de outros socialistas-revolucionários se pronunciam a favor da passagem do poder aos Sovietes, e em que se pronunciam também no mesmo sentido os mencheviques internacionalistas, que anteriormente se tinham declarado contra isso.

Finalmente, a última - e talvez a mais instrutiva - conclusão da análise dos acontecimentos nas suas ligações consiste em que **todas** as três crises nos revelam uma certa forma, nova na história da nossa revolução, de manifestações de tipo mais complexo, de movimento por ondas, que sobem velozmente e descem de modo brusco, de exacerbação da revolução e da contra-revolução, de «eliminação» por um período mais ou menos longo dos elementos intermédios.

Pela sua forma, o movimento, no decurso de todas estas três crises, foi uma **manifestação**. Uma manifestação antigovernamental, tal seria, formalmente, a descrição mais precisa dos acontecimentos. Mas, e aqui é que está a questão, não foi uma manifestação habitual, foi algo significativamente maior do que uma manifestação e menor do que uma revolução. É uma explosão **simultânea** da revolução e da contra-revolução, é uma «eliminação» violenta e às vezes quase súbita dos elementos intermédios, com o tempestuoso aparecimento dos elementos proletários e burgueses.

A este respeito é extremamente característico que todos os elementos intermédios acusem como causa de **cada** um desses movimentos **ambas** as forças determinadas de classe, tanto o proletariado como a burguesia. Vede os socialistas-revolucionários e os mencheviques: suando sangue, berram gritam que os bolcheviques, com os seus extremismos, ajudam a contra-revolução, ao mesmo tempo que reconhecem repetidamente que os democratas-constitucionalistas (com os quais formam um bloco no governo) são contra-revolucionários. «Delimitarmo-nos - escrevia ontem o *Delo Naroda* - com um profundo fosso de todos os elementos de direita, incluindo o belicoso *Edinstvo* (com o qual, acrescentamos nós, os socialistas-revolucionários formaram um bloco nas eleições) - tal é a nossa tarefa mais urgente."

Compare-se isto com o *Edinstvo* de hoje (7 de Julho), em que o editorial de Plekhánov se vê obrigado a constatar o facto indiscutível de que os Sovietes (isto é, os socialistas-revolucionários e os mencheviques) tomaram «duas semanas para pensar» e de que se o poder passasse para os Sovietes isso «equivaleria a uma vitória dos leninistas». «Se os democratas-constitucionalistas não se atêm à regra: quanto pior, melhor ... - escreve Plekhánov - eles mesmos terão de reconhecer que cometeram um grave erro» (ao saírem do ministério), «facilitando o trabalho aos leninistas.»

Não é isto característico? Os elementos intermédios acusam os democratas-constitucionalistas de facilitar o trabalho aos bolcheviques, e os bolcheviques de facilitar o trabalho aos democratas-constitucionalistas!! É assim tão difícil adivinhar que não é preciso senão trocar os nomes políticos pelas denominações de classe e que obteremos então os sonhos da pequena burguesia sobre o desaparecimento da luta de classes entre o proletariado e a burguesia? As lamentações da pequena burguesia sobre a luta de classe do proletariado contra a burguesia? É assim tão difícil adivinhar que nenhum bolchevique do mundo teria forças para «provocar» não três, mas até um só «movimento popular», se causas económicas e políticas profundas não pusessem em movimento o proletariado? Que todos os democratas-constitucionalistas e monárquicos juntos não teriam forças para provocar nenhum movimento «de direita» se causas não menos profundas não tornassem contra-revolucionária a burguesia como classe?

A propósito do movimento de 20-21 de Abril acusaram-nos, tanto a nós como aos democratas-constitucionalistas, de obstinação, de extremismo, de agravar a situação, chegando até a acusar os bolcheviques (por mais absurdo que isto pareça) do tiroteio na avenida Néovski; e quando o movimento terminou, esses mesmos socialistas-revolucionários e mencheviques escreveram nas colunas do seu órgão comum e oficial, o *Izvestia*, que o «movimento popular» «varreu os imperialistas Miliukov, etc.», isto é, **glorificaram** o movimento!! Não é isto característico? Não demonstra isto de forma particularmente clara a incompreensão pela pequena burguesia do mecanismo, da essência da luta de classe do proletariado contra a burguesia?

A situação objectiva é esta: a imensa maioria da população do país é, pelo seu modo de vida e mais ainda pelas suas ideias, pequeno-burguesa. Mas no país reina, através principalmente dos bancos e dos consórcios, o grande capital. No país existe um proletariado urbano suficientemente desenvolvido para seguir o seu próprio caminho, mas que ainda não é capaz de atrair imediatamente para o seu lado a maioria dos semiproletários. Deste facto fundamental, de classe, decorre a inevitabilidade de crises como as três que estudámos e igualmente das suas formas.

Naturalmente que no futuro as formas das crises poderão variar. Mas a essência das coisas manter-se-á mesmo no caso em que, por exemplo, em Outubro se reúna uma Assembleia Constituinte socialista-revolucionária. Os socialistas-revolucionários prometeram aos camponeses (1) a abolição da propriedade privada da terra; (2) a entrega da terra aos trabalhadores; (3) a confiscação das terras dos latifundiários e a sua entrega aos camponeses sem indemnização. A realização destas grandes transformações é absolutamente impossível sem as medidas revolucionárias mais decididas contra a burguesia, medidas

que **unicamente** poderão ser realizadas mediante a aliança do campesinato pobre com o proletariado, **unicamente** mediante a nacionalização dos bancos e dos consórcios.

Os crédulos camponeses, que durante algum tempo acreditaram que era possível conseguir estas belas coisas com espírito de conciliação com a burguesia, sentir-se-ão inevitavelmente desapontados e ... «descontentes» (para falar suavemente) com a aguda luta de classe do proletariado contra a burguesia pela realização de facto das promessas dos socialistas-revolucionários. Assim foi e assim será.